

Aktionsart e morfologia distribuída: sufixos iterativos no português do Brasil

MATHEUS GOMES ALVES

Mestrando em Linguística

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

E-mail: matheus.ling@letras.ufrj.br

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8109-5299>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 6

Número 2

Recebido em: 05/10/2021

Aprovado em: 20/12/2021

Resumo

O presente trabalho adota os pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; HARLEY & NOYER, 1999; EMBICK, 2000) referentes à inserção tardia de itens vocabulares, à subespecificação de expressões fonológicas quanto às posições sintáticas e ao acesso da hierarquia e de processos sintáticos ao “léxico” na derivação. Adota-se, também, o pressuposto referente à existência de restrições aspectuais por parte de raízes na adjunção a certos morfemas categorizadores (OLIVEIRA, 2008). O objetivo geral deste trabalho é contribuir para a descrição da iteratividade nas línguas naturais. Os objetivos específicos são: a) averiguar a pertinência da postulação (CUNHA & CINTRA, 2013) de uma especialização frequentativa aos sufixos “-icar”, “-itar”, “-ilhar”, “-inhar” e “-iscar” e b) investigar os contextos de ocorrência de tais sufixos no português do Brasil. As hipóteses deste trabalho são: a) os sufixos sob análise são especificados para o traço [+iterativo] e b) há restrições aspectuais quanto ao *aktionsart* da raiz adjungida a tais sufixos. Os dados analisados foram retirados de dicionários e foram expostos informalmente a julgamentos de aceitabilidade por falantes nativos. Os resultados deste trabalho sugerem que tais sufixos são especificados para o traço de iteratividade. Além disso, há restrições quanto ao *aktionsart* das raízes, de forma que raízes télicas (*achievement* e *accomplishments*) prototipicamente se combinam com tais sufixos.

Palavras-chave:

Aktionsart; Morfologia Distribuída; Iteratividade; Sufixos; português do Brasil.

1 Introdução

A categoria linguística de *aktionsart* refere-se tradicionalmente aos diferentes tipos de situações expressas inerentemente pelos itens que compõem uma sentença, como, por exemplo, uma atividade, um estado, um evento contínuo delimitado e um evento instantâneo delimitado ou não delimitado. Smith (1991), analisando tais diferentes tipos de situações, argumenta que verbos de *achievement*, isto é, verbos que traduzem eventos instâneos delimitados, sejam especificados para os traços [-estatividade], [-duração] e [+telicidade], ao passo que verbos semelfactivos, que traduzem eventos instantâneos não delimitados, sejam especificados para os traços [-estatividade], [-duração] e [-telicidade]. Frente a tais classificações, Wachowicz (2006) define iteratividade como um aspecto que descreve diferentes tipos de repetições de um evento e argumenta que a especificação do traço [+telicidade], especialmente em verbos de *achievement*, favorece a iteratividade no português do Brasil.

Lemle (2002) e Oliveira (2008) articulam certos sufixos do português do Brasil à noção de iteratividade. Utilizando o referencial teórico da morfologia distribuída, Lemle (2002) argumenta que o sufixo -ej e seu alomorfe -e(i), como em “gotejar”, gramaticalizam a noção de iteratividade em nomes e verbos do português do Brasil. Oliveira (2008) considera, ainda, que verbos formados com este mesmo sufixo “-ej” traduzem situações dinâmicas iterativas com causação externa em tal língua. Contudo, trabalhos alinhados à morfologia distribuída que tenham como objetivo analisar outros sufixos iterativos no português do Brasil ainda são escassos. Há, portanto, uma lacuna a ser preenchida pelo presente trabalho.

Desde sua formulação inicial, a morfologia distribuída tem se destacado por solucionar muitos problemas herdados da tradição lexicalista da gramática gerativa. Convém recordar que, como exposto em Anderson (1982), a postulação de um lexicalismo “forte” (JACKENDOFF, 1975), isto é, de um entendimento referente à morfologia flexional e à derivacional como processos puramente lexicais e não sintáticos, não parece ser adequada descritivamente às línguas que marcam morfologicamente caso, categoria dependente de processos de concatenação sintática.

Neste trabalho, optou-se por adotar os pressupostos da morfologia distribuída referentes à inserção tardia de itens vocabulares, à subespecificação de expressões fonológicas quanto às posições sintáticas e ao acesso da hierarquia e de processos sintáticos ao “léxico” na derivação sintática. Assume-se, assim, que operações sintáticas como *Merge* e *Move* tenham acesso à estrutura interna da palavra. Tal assunção, em última instância, implica a proposição de apenas um sistema gerativo, a sintaxe, que relaciona traços submetidos à morfologia e à fonologia nas línguas naturais.

Frente a isso, o objetivo geral deste trabalho é contribuir para a descrição da iteratividade nas línguas naturais. Os objetivos específicos são: a) averiguar a pertinência da postulação (CUNHA & CINTRA, 2013) de uma especialização iterativa/frequentativa aos sufixos “-icar”, “-itar”, “-ilhar”, “-inhar” e “-iscar”, e b) investigar os contextos de ocorrência de tais sufixos no português do Brasil. As hipóteses deste trabalho são: a) os sufixos sob análise são especificados para um traço [+iterativo] e b) há restrições aspectuais quanto ao *aktionsart* da raiz adjungida a tais sufixos. Os dados analisados foram retirados de dicionários e foram expostos a julgamentos de aceitabilidade por falantes nativos.

Este trabalho divide-se em quatro seções. Na primeira seção, detalhes acerca do referencial teórico adotado, como a relação entre *aktionsart* e morfologia distribuída, serão apresentados. Na segunda seção, há detalhamentos acerca da metodologia adotada, dos procedimentos analíticos e dos critérios de refutação das hipóteses. Na terceira seção, a análise dos contextos de ocorrências dos sufixos “-icar”, “-itar”, “-ilhar”, “-inhar” e “-iscar” será desenvolvida. Na quarta seção, considerações finais acerca da análise desenvolvida e das hipóteses inicialmente formuladas serão apresentadas.

2 Referencial teórico

2.1 Aktionsart

Aktionsart pode ser definido como diferentes tipos de situações inerentes aos itens que compõem uma sentença (COMRIE, 1976). Vendler (1967), ao analisar os predicados verbais em língua inglesa, propõe uma classificação de quatro tipos de verbos nessa língua, a saber: ações, estados, processos culminados e culminações. Tal classificação levou em consideração, principalmente, predicadores verbais (atividades e processos culminados) que se combinariam à morfologia progressiva no inglês e predicadores verbais (estados e culminações) que não se combinariam a tal morfologia.

De forma genérica, verbos de atividade denotam eventos que possuem uma duração interna e que demandam gasto de energia para serem realizados, como, exemplo, observa-se no verbo “jogar” em “João **jogou** ontem”. Verbos de estado referem-se a processos que não demandam gasto de energia para serem realizados, como se observa em “Pedro **ama** Ana”. Verbos de *accomplishments* descrevem um evento delimitado, ou seja, que apresenta um ponto final, como se observa em “João **correu** uma maratona”. Finalmente, verbos de *achievement* referem-se a eventos instantâneos inerentemente delimitados, como se constata em “João **morreu**”.

Frente a tais classes acionais, Smith (1991) classifica os tipos de verbo por meio dos seguintes traços: estatividade, duração (ou duratividade) e telicidade. O traço de estatividade, quando marcado positivamente, refere-se a um estado ou a um processo, ao passo que, quando marcado negativamente, refere-se a um não estado ou a um evento. O traço de duração, quando marcado positivamente, refere-se a um evento com constituição temporal interna, ou seja, com uma duração, ao passo que, quando marcado negativamente, refere-se a um evento sem constituição temporal interna, ou seja, sem duração. Finalmente, o traço de telicidade, quando marcado positivamente, refere-se a um evento delimitado, com um ponto final inerente, ao passo que, quando marcado negativamente, refere-se a um evento não delimitado, sem um ponto final inerente. Ainda sobre a classificação de Smith (1991), salienta-se que tal autora acrescenta um quinto tipo de verbo, os semelfactivos, que traduzem eventos pontuais não delimitados, isto é, atélicos. A especificação dos traços para os tipos de verbo descritos em Smith (1991) encontra-se resumida abaixo:

Quadro 1 – Traços distintivos de *aktionsart*

Tipos de Verbo	Estatividade	Duração	Telicidade
Atividades	[-]	[+]	[-]
Estados	[+]	[+]	- ¹
<i>Accomplishments</i>	[-]	[+]	[+]
<i>Achievements</i>	[-]	[-]	[+]
Semelfactivos	[-]	[-]	[-]

Fonte: Adaptado de Smith (1991)

No que se refere às diferenças entre verbos de *achievement* e semelfactivos, Smith (1991) e Kiss Katalin (2011) argumentam que verbos semelfactivos traduzem eventos de um único estágio que ocorrem rapidamente sem um ponto final, ou seja, são dinâmicos, instantâneos e atélicos. Verbos de *achievement* traduzem eventos dinâmicos, instantâneos e tólicos. Tais autoras também propõem testes sintáticos para diferenciar esses tipos de verbo. O primeiro teste remete à incapacidade de verbos semelfactivos e à capacidade de verbos de *achievement* de ocorrerem como modificadores nominais expressando um resultado. Sendo assim, no par *the shattered windows* x **the flashed light* (as janelas quebradas x *a luz piscada), o verbo *to shatter*, que possui em sua especificação os traços [-duração] e [+tólico], comportando-se, assim, como um verbo de *achievement*, pode ocorrer como um

¹ Smith (1991) argumenta que o traço de telicidade não é especificado para verbos de estado, por não ser relevante ontologicamente para definir tal tipo de verbo.

modificador resultativo, ao passo que o verbo *to flash*, que possui em sua especificação os traços [-duração] e [-télico], comportando-se, assim, como um verbo semelfactivo, não pode ocorrer como um modificador resultativo.

Kiss Katalin (2011) argumenta ainda que, embora verbos semelfactivos não possam ocorrer normalmente atrelados ao aspecto imperfectivo, que salienta as diferentes fases internas de um evento (COMRIE, 1976), e em conjunção com advérbios celerativos, como *rapidly* (“rapidamente”) e *slowly* (“vagarosamente”), quando há emprego nesses contextos, tais verbos marginalmente licenciam apenas a leitura de incoação, como em *John slowly coughed* (“João vagarosamente tossia”). Verbos de *achievement*, por outro lado, admitem, normalmente, uma leitura celerativa, que indica a velocidade de acontecimentos do evento e não sua fase inicial necessariamente. Convém citar que Alves (2019), ao analisar, por meio de um teste de julgamento de felicidade, as leituras disparadas em um contexto de emprego de morfologia progressiva em verbos não durativos no inglês, aponta o licenciamento de seis leituras, a saber: incoação, prospecção, terminação, iteração, continuidade e habitualidade. Sendo assim, considera-se, a partir dos estudos apresentados, que verbos de *achievement* e semelfactivos diferenciam-se, também, em relação à marginalidade de certas leituras aspectuais em determinados contextos morfossintáticos.

2.2 Iteratividade

A noção aspectual de iteratividade é tradicionalmente compreendida como aquela que traduz uma repetição de um evento. Comrie (1976), ao definir o que se chama de aspecto gramatical como as diferentes noções aspectuais que podem ser veiculadas por meio de morfologia verbal, divide-o em dois subtipos: o perfectivo e o imperfectivo. Enquanto este refere-se à noção aspectual que salienta as diferentes fases internas de um evento, aquele pode ser definido como a noção aspectual que permite a visualização de um evento como um todo indivisível. Para Comrie (1976), o aspecto imperfectivo, nas línguas naturais, pode ser dividido, ainda, em dois subtipos, a saber: aspecto habitual e aspecto contínuo. Enquanto este traduz uma situação simultânea a um momento de referência, aquele se refere a uma situação habitual, costumeira, ordinária a determinado momento de referência. Comrie (1976) considera que a iteratividade, como tradicionalmente compreendida, está incluída dentro do aspecto habitual, pois, para tal autor, a repetição de um evento pode ser compreendida como um tipo de situação ordinária a determinado momento.

Diferentemente de Comrie (1976), Travaglia (2006) considera que o traço de duração é comum a eventos iterativos e durativos. Entende-se, contudo, que, em eventos durativos, tal traço é especificado como duração contínua, ao passo que, em eventos iterativos, tal traço é especificado como duração descontínua. Sendo

assim, em “João comeu maçãs”, haverá a marcação do traço duração descontínua, por se tratar de um evento iterativo. No que se refere a este exemplo, argumenta-se, ainda, que a pluralização do argumento interno contribui para também para a veiculação da iteratividade, por favorecer uma repetição indefinida.

Wachowicz (2006) compreende a noção de iteratividade como aquela que traduz diferentes repetições nas línguas naturais. Argumenta-se, ainda, em Wachowicz (2006), que a marcação positiva do traço de telicidade, presente em verbos de *accomplishment* e *achievement*, favorece a noção de iteratividade. Especificamente, Wachowicz (2006) defende que a marcação positiva do traço de telicidade em verbos sobretudo de *achievement* favorece a telicidade. Defende-se, outrossim, que verbos derivados de nomes que designam um conjunto, como se observa no nome “lista” e seu derivado “listar”, comumente também são iterativos.

Lemle (2002), utilizando o referencial teórico da morfologia distribuída, ao analisar o sufixo “-ej” e seu alomorfe “-e(i)” considera que estes terão valor iterativo caso a raiz seja um objeto no tempo ou um evento, como se observar em “voejo” e “gotejo. Contudo, estes sufixos terão valor diminutivo, caso a raiz seja um objeto no espaço, como em “vilarejo”. Analisando a distribuição de tais sufixos no português do Brasil, Lemle (2002) argumenta que certas estruturas derivadas, como em [raiz + ej], são acategorias, isto é, podem formar tanto um substantivo, um adjetivo ou um verbo. Argumenta-se, assim, que há um morfema funcional “n”, “a” ou “v” nulo fonologicamente que especifica a classe de palavras nesta estrutura.

Oliveira (2008), diferentemente de Lemle (2002), considera que o sufixo “-ej” é um verbalizador em língua portuguesa que, quando empregado junto a uma raiz com a especificação [+dinâmica], traduz um evento iterativo com causação externa, isto é, selecionando um argumento externo como agente. Tal autora argumenta que há restrições aspectuais em raízes que licenciam a adjunção ao verbalizador “-ej”.

Finalmente, Cunha & Cintra (2013), ao analisarem os diferentes sufixos tidos como verbalizadores que se fazem presentes na língua portuguesa, apontam que os sufixos “-ear”, “-ejar”, “-icar”, “-ilhar”, “-inhar”, “-iscar”, “-itar” possuem um sentido frequentativo, isto é, são especificados para o traço iterativo. Como os sufixos “-ear” e “-ejar” já foram contemplados nas análises de Lemle (2002) e Oliveira (2008), os sufixos “-icar”, “-ilhar”, “-inhar”, “-iscar” e “-itar” serão objetos de análise deste trabalho.

Quadro 2 – Sufixos frequentativos do Português do Brasil

Sufixos	Valor	Exemplo
-icar	Frequentativo	bebericar, depenicar
-itar	Frequentativo	dormitar, saltitar

-ilhar	Frequentativo	dedilhar, fervilhar
-inhar	Frequentativo	escrevinhar, cuspinhar,
-iscar	Frequentativo	chuviscar, lambiscar

Fonte: adaptado de Cunha & Cintra (2013)

2.3 Morfologia Distribuída

Na morfologia distribuída, faz-se referência a três assunções básicas: a inserção tardia (*Late Insertion*), a subespecificação de itens de vocabulário (*Underspecification of Vocabulary Items*) e a estrutura sintática hierárquica em toda a derivação (*Syntactic Hierarchical Structure All the Way Down*). O axioma da inserção tardia refere-se à concepção de que categorias sintáticas são abstratas, ou seja, não possuem uma expressão fonológica antes da sintaxe. Apenas após a concatenação sintática, tais categorias recebem traços fonológicos, por meio de regras de associação de traços fonológicos aos nós terminais.

O axioma da subespecificação refere-se à concepção de que, para que as realizações fonológicas fornecidas pelo vocabulário traduzam um nó terminal, é necessário que sua especificação, definida por uma regra de inserção, seja um subconjunto da especificação do nó terminal associado. Nesse contexto, havendo compartilhamento entre item e nó de um subconjunto de traços, o item de vocabulário é inserido no nó correspondente. Afirma-se, ainda, que, caso não haja combinação entre os traços do nó sintático e os do item do vocabulário, não há inserção vocabular. Como argumentado em Halle & Marantz (1994), em muitas línguas parece haver itens de vocabulário que competem entre si para veicular um nó terminal. Neste caso, argumenta-se que o item vocabular mais especificado para os traços combináveis ao do nó terminal é o inserido.

Finalmente, o axioma da estrutura sintática hierárquica em toda derivação refere-se à concepção de que elementos sintáticos e morfológicos entram nas mesmas estruturas constituintes binárias (KAYNE, 1984) e são afetados pelos mesmos princípios concatenativos. Toma-se como pressuposto, assim, que ao invés de ser apenas um resultado de processos morfofonológicos, o morfema, na morfologia distribuída, é um constituinte discreto que possui um conjunto de traços.

Como descrito em Marantz (1997), na morfologia distribuída, faz-se menção a um conjunto de três listas não computacionais que abrigam propriedades que, anteriormente, em modelos lexicalistas, eram atribuídas ao léxico. A primeira lista, conhecida como “léxico estrito” abriga um conjunto de traços morfossintáticos que são atribuídos a morfemas abstratos. Enquanto morfemas abstratos se referem a terminais sintáticos que possuem traços sintático-semânticos, raízes se referem a

entidades acategoriais que apenas ocorrem em relação local com um categorizador nominal (n), verbal (v) ou adjetival (a). Após o processo de numeração e seleção de traços a serem inseridos em determinadas posições sintáticas, operações sintáticas como *merge*, *move* e *copy* estruturariam tais traços.

Finalmente, na segunda lista, há regras de inserção fonológica de morfemas. Como argumentado em Harley & Noyer (1998), em uma derivação sintática há, ao menos, dois tipos distintos de morfemas a saber: f-morfemas e l-morfemas. Enquanto para este há uma escolha em relação ao item do vocabulário a ser inserido em *Spell-out*, podendo denotar um conteúdo específico de uma língua, para aquele não há uma escolha em relação ao item vocabular a ser inserido para o traduzir, isto é, o *Spell-out* de f-morfemas é determinístico. Para casos de competição de itens vocabulares para inserção, Halle (1997) apresenta o Princípio do Subconjunto como uma propriedade reguladora da competição de expressão fonológica de morfemas nas línguas. É previsto, em tal princípio, que a expressão fonológica de um item vocabular é inserida a um morfema se os traços do item forem combináveis com os traços gramaticais especificados no morfema. Sendo assim, em casos de competição, o item vocabular que compartilhar o maior número de traços com o morfema será inserido.

Marantz (1997) prevê, ainda, dois tipos de alomorfias possíveis nas línguas: alomorfia supletiva e alomorfia morfofonológica. A alomorfia supletiva ocorre quando há competição de itens vocabulares para inserção a um f-morfema e, pelo Princípio do Subconjunto, o item especificado com o maior número de traços em comum com o morfema é inserido. A alomorfia morfofonológica ocorre quando um item vocabular possui diferentes formas fonológicas a depender do contexto de inserção.

Por fim, na terceira lista, conhecida como “Enciclopédia”, ocorre a especificação de significados especiais ordinários a determinados contextos sintáticos. Uma consequência direta da apresentação dessa terceira lista é a assunção de que expressões idiomáticas seriam formadas pelo mesmo sistema gerativo que forma expressões não idiomáticas em uma língua. Entende-se, assim, que o significado especial de expressões idiomáticas nas línguas seria especificado em tal lista.

3 Metodologia

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para a descrição da iteratividade nas línguas naturais. Os objetivos específicos são: a) averiguar a pertinência da postulação (CUNHA & CINTRA, 2013) de uma especialização frequentativa aos sufixos -icar, -itar, -ilhar, -inhar e -iscar, e b) investigar os contextos de ocorrência de tais sufixos no português do Brasil. As hipóteses deste trabalho são: a) os

sufixos sob análise são especificados para o traço [+iterativo] e b) há restrições aspectuais quanto ao *aktionsart* da raiz adjungida a tais sufixos. Os dados encontrados e a análise a ser desenvolvida levarão em consideração os diferentes moldes, ou contextos morfológicos encontrados, as propriedades aspectuais das raízes, as classes de palavras formadas por tais sufixos e, finalmente, o teste sintático de modificação de estado resultante apresentado por Smith (1991) e Kiss Katalin (2011). Os critérios de refutação das hipóteses são: a) identificação de significado não frequentativo ou não iterativo nos dados apresentados e b) o não favorecimento da veiculação da iteratividade em raízes de *aktionsart* distintos.

Os dados utilizados neste trabalho foram retirados dos seguintes dicionários: *Minidicionário da Língua Portuguesa* (1999), *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* (2008) e *Miniaurélio: o dicionário da Língua Portuguesa* (2008). Foram considerados como dados válidos aqueles em que palavras possuam os morfemas “-icar”, “-itar”, “-ilhar”, “-inhar” e “-iscar” comportando-se como sufixos². Por esse motivo, palavras encontradas nos dicionários terminadas em “-icar”, “-itar”, “-ilhar”, “-inhar” e “-iscar”, como também “-ic”, “-it”, “-ilh”, “-inh”, “-isc”, foram pré-analisadas, com o objetivo de se identificar os dados em que, realmente, tais morfemas sejam sufixos. A escolha de tais sufixos foi motivada por dois fatores. Em Lemle (2002) e Oliveira (2008), o sufixo “-ej” foi apontado como veiculador de iteratividade em determinados contextos morfossintáticos, mas não houve a indicação de outros sufixos que possam comportar-se da mesma forma na língua. Em Cunha & Cintra (2013), os sufixos sob análise foram apresentados como veiculadores de iteratividade, porém tal trabalho não apresentou evidências diretas para tal classificação, nem se comprometeu explicitamente a adotar algum referencial teórico, seja lexicalista (CHOMSKY, 1970) ou, ainda, construcionista (MARANTZ, 1997).

4 Resultados e análise

No que se refere ao processo de coleta de dados, observou-se que formações em que os morfemas “-ic”, “-isc”, “-it”, “-ilh” e “-inh” comportam-se como sufixos realmente, no português do Brasil, atualmente, são raras. Considera-se, ainda, que, comparado à produtividade do sufixo “-ej”, analisado como iterativo por Lemle (2002) e Oliveira (2008), os morfemas sob análise são até pouco produtivos sincronicamente. Analisando as definições atribuídas nos dicionários estudados a formações com esses sufixos, constatou-se que tais definições compartilham entre si a referência a um evento iterado, repetido. Entende-se, assim, que, compreendendo a iteratividade como diferentes tipos de repetição (WACHOWICZ, 2006) ou como uma repetição marcada por duração descontínua (TRAVAGLIA,

² Não foram considerados dados válidos formações com o sufixo “-ficar” e formações cujas terminações, na verdade, denotam fonemas que já são sincronicamente parte das raízes.

2006), a iteratividade parece estar presente em formações com esses sufixos. Argumenta-se, ainda, que, pelo fato de as raízes ocorrerem livremente na língua em contextos não-iterativos, o traço de iteratividade parece ser gramaticalizado pelos sufixos sob análise. Como se pode observar abaixo, foram encontrados dois moldes possíveis para formações com esses morfemas:

(1) Moldes das formações com “-ic”, “-isc”, “-it” “-ilha” e “-inha”

a. Molde [RAIZ + SUFIXO]

bebericar, bebiscar, lambiscar, lambisco, dedilhar, fervilhar, escrevinhar, dormirar, saltitar, cuspinhar, chuviscar, mordiscar, penicar, chuvisco, dançaricar, dançarilhar.

b. Molde [PREPOSIÇÃO + RAIZ + SUFIXO]

depenicar.

Analisando o contexto de ocorrência de “-ic” e de “-isc”, observa-se que tais morfemas, em algumas formações, parecem se comportar como alomorfes. Tal assunção apresenta-se como válida ao se confrontar as duas formações possíveis “bebericar” e “bebiscar”. Observou-se, ainda, que, nas formações “dançaricar” e “dançarilhar”, tais sufixos parecem variar entre si em termos de expressão fonológica, da mesma forma que se constata em “bebericar” e “bebiscar”.

No que concerne ao estatuto categorial das formações, constata-se que as formações com os sufixos sob análise são, em sua maioria, verbos transitivos, especificado pelo traço causação externa, requerendo um argumento externo como agente. Há, contudo, formações intransitivas com causação externa, como “dormitar”, e, ainda, formações sem qualquer complemento, como “chuviscar”. Afirma-se, portanto, que a leitura de iteratividade parece ser possível tanto em construções transitivas quanto em construções intransitivas. As formações nominais “lambisco” e “chuvisco” são interpretadas como formações deverbais neste trabalho, de forma que, inicialmente, na derivação, há a adjunção da raiz aos morfemas verbalizadores sob análise em uma fase, em que há a fixação de seu significado iterativo, e, depois, a inclusão de um morfema nominalizador.

Além disso, como observado nos resultados, dois moldes foram encontrados: [raiz + sufixo] e [preposição + raiz + sufixo]. O primeiro molde parece ser mais produtivo do que o segundo na formulação de situações iterativas. Observa-se, ainda, que, o único exemplo encontrado do segundo molde “depenicar” pode ocorrer sem a preposição, como se constata em “penicar”. Entende-se, assim, que a inserção da preposição, nesse contexto, não parece afetar a causação do evento e a interpretação iterativa do evento “penicar”. Hipotetiza-se que, por alguma razão diacrônica, a formação em que há tal inserção da preposição seja dicionarizada.

Como descrito na seção de metodologia, tal análise levará em consideração não apenas os moldes morfológicos, como também o *aktionsart* das raízes adjungidas. Observando os dados encontrados, faz-se referência às seguintes raízes: “bebe”, “lamb”, “ded”, “ferv”, “escrev”, “dormi”, “salta”, “cuspi”, “chov”, “mord”, “pena”, “danç”. Empregando o teste sintático de Kiss Katalin (2011) e Smith (1991) referente à possibilidade de uma formação expressar um estado resultante (télico) por meio de uma nominalização, tem-se:

Quadro 3: Teste de expressão de estado resultante

Raiz	Exemplo:	Traço de Telicidade
“bebe”	o suco bebido	[+]
“lamb”	o prato lambido	[+]
“ded”	o instrumento dedilhado	[+]
“ferv”	a água fervida	[+]
“escrev”	a carta escrita	[+]
“dormi”	a noite dormida	[+]
“salta”	o obstáculo saltado	[+]
“cuspi”	o catarro cuspidado	[+]
“chov”	a tarde chovida	[+]
“pena”	o pássaro (de)penicado	[+]
“danç”	a música dançada	[+]

Fonte: própria

As raízes encontradas, ao serem submetidas ao teste de Kiss Katalin (2011) e Smith (1991), parecem ser compatíveis com o traço de telicidade. A partir desta aparente compatibilidade, argumenta-se que os verbos resultantes dessas raízes podem ser classificados ou como *achievements* ou como *accomplishments*, uma vez que tais tipos de verbo tradicionalmente são especificados positivamente para o traço [+iteratividade]. Frente a isso, considera-se que o *aktionsart* das raízes (*achievements* e *accomplishments*) é compatível com o traço iterativo, que advém dos sufixos sob análise. Entretanto, raízes de *aktionsart* de atividades e estados (ambos não télicos) não são compatíveis com o traço de telicidade, gramaticalizado nos sufixos sob análise. Tal assunção apresenta-se como válida para a interação entre o *aktionsart* das raízes e tais sufixos, pois não foram encontradas ocorrências como

*amaricar, *amariscar, *amailhar, *amitar, *amoinhar, *jogaricar, *jogariscar, *jogailhar, *jogaitar, *jogainhar³.

Portanto, houve formações transitivas e intransitivas e foram encontrados dois moldes para tais formações com os sufixos sob análise [raiz + sufixo] e [preposição + raiz + sufixo]. Enquanto o único dado referente a este traduz necessariamente um evento transitivo, os dados referentes àquele podem traduzir eventos transitivos ou intransitivos. As formações encontradas nos dados compartilham, em suas raízes, a especificação positiva do traço de iteração, de forma que representam, adotando a classificação de Smith (1991), eventos do tipo *achievement* e do tipo *accomplishment*. O emprego dos sufixos sob análise inerentemente iterativos parece ser mais prototípico com formações cujas raízes sejam especificadas positivamente para o traço de iteração, denotando eventos do tipo *achievement* e do tipo *accomplishment*.

5 Considerações finais

Neste trabalho, objetivo geral foi contribuir para a descrição da iteratividade nas línguas naturais. Os objetivos específicos foram: a) averiguar a pertinência da postulação (CUNHA & CINTRA, 2013) de uma especialização iterativa/frequentativa aos sufixos “-icar”, “-itar”, “-ilhar”, “-inhar” e “-iscar”, e b) investigar os contextos de ocorrência de tais sufixos no português do Brasil. As hipóteses deste trabalho foram: a) os sufixos sob análise são especificados para um traço [+iterativo] e b) há restrições aspectuais quanto ao *aktionsart* da raiz adjungida a tais sufixos.

Por meio dos resultados encontrados e da análise desenvolvida, afirma-se que não foi possível refutar as hipóteses apresentadas. Como se observou, o significado iterativo das formações consideradas advém da adjunção aos sufixos sob análise, de forma que, em um contexto de ausência de tais sufixos, a noção de iteratividade não se apresenta como inerente ao item. Observou-se, ainda, que, pelo teste proposto por Smith (1991) e Kiss Katalin (2011), as raízes encontradas parecem ser télicas, pois podem ser empregadas em um contexto de modificação nominal resultante. Entende-se, assim, que tal teste apresenta-se válido para a diferenciação entre formações télicas e não télicas no português do Brasil.

Como argumentado por Smith (1991), verbos de *achievement* e verbos de *accomplishment* são especificados positivamente para o traço de telicidade. Wachowicz (2006) considera, por fim, que o traço de telicidade favorece o engatilhamento da iteratividade no português do Brasil. Afirma-se, então, que, tais

³ Embora tal assunção proceda para os sufixos sob análise neste trabalho, é interessante observar, que para o sufixo “-ej”, analisado por Lemle (2002) e Oliveira (2008), há ocorrências como “voejar”, “voejo”, “apedrejar”, dentre outros.

sufixos possuem em sua especificação de feixe de traços a marcação [+iteração] e que há restrições de *aktionsart* (verbos de *achievement* e verbos de *accomplishment*) para a adjunção a tais sufixos.

Foram apresentadas neste trabalho, ainda, evidências positivas às considerações de Wachowicz (2006) em relação ao favorecimento da iteratividade por meio da marcação positiva do traço de telicidade. Contudo, não foram encontradas evidências em relação ao favorecimento mais prototípico da iteratividade por meio da marcação positiva do traço de telicidade em verbos de *achievement*. Afirma-se, ainda, que não se explicou, neste trabalho, a razão pela qual tais sufixos iterativos, em comparação com outros, como “-ej” (LEMLE, 2002; OLIVEIRA, 2008) sejam pouco produtivos. Há, assim, duas lacunas a serem contempladas em trabalhos futuros.

Frente a isso, a próxima fase desta pesquisa tem como objetivos: a) identificar os fatores que contribuem para a baixa produtividade de formações com esses sufixos iterativos no português do Brasil e b) averiguar o favorecimento da iteratividade em verbos de *achievement* no português do Brasil no contexto de emprego de tais sufixos. Sendo assim, pretende-se desenvolver um teste de julgamento de aceitabilidade em escala *likert* (0 a 5), em que serão apresentados outros verbos classificados como *achievement* e *accomplishment* empregados com os sufixos sob análise, com o objetivo de se compreender se tais formações seriam mais aceitas por falantes nativos do que formações com verbos de atividade, de estado e semelfactivos com os sufixos sob análise.

Referências

- ALVES, M.G. *Interação entre aspecto gramatical e semântico: a morfologia progressiva e os verbos pontuais no inglês americano e britânico*. 2019. 45 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras: Português – inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- ANDERSON, S. R. Where's morphology?. *Linguistic inquiry*, v. 13, n. 4, p. 571-612, 1982.
- BECHARA, E. *Dicionário escolar da língua portuguesa: Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro. 2008.
- CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In R A. Jacobs and P. S. Rosenbaum, eds. *Readings in Transformational Grammar*, pages 232-286. Waltham: Ginn and Company. 1970.
- COMRIE, B. *Aspect: An introduction to the study of Verbal Aspect and Related Problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CUNHA, C., CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo - 6ªed.*Lexicon Editora: Rio de Janeiro. 2013.
- FERREIRA, A. B. H.. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 2008.
- EMBICK, D. Features, syntax, and categories in the Latin perfect. *Linguistic inquiry*, v. 31, n. 2, p. 185-230, 2000.
- HALLE, M. Distributed morphology: Impoverishment and fission [*MIT Working Papers in Linguistics 30: Papers at the Interface*], edited by B. Bruening, Y. Kang & M. McGinnis, 425–449. Cambridge, Mass. 1997
- HALLE, M. & MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. *The View from Building 20*, edited by K. Hale & S.J. Keyser, 111–176. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1993.
- HALLE, M. & MARANTZ, A. Some key features of Distributed Morphology [*MIT Working Papers in Linguistics 21: Papers on phonology and morphology*], edited by A. Carnie & H. Harley, 275–288. Cambridge, Mass.: 1994.
- HARLEY, H. & NOYER, R. Licensing in the non-lexicalist lexicon: nominalizations, Vocabulary Items and the Encyclopedia [*MIT Working Papers in Linguistics 32: Papers from the UPenn/MIT Roundtable on Argument Structure and Aspect*], edited by H. Harley, 119–137. Cambridge, Mass. 1998.
- HARLEY, H.; NOYER, R. Distributed morphology. *Glott international*, v. 4, n. 4, p. 3-9, 1999.
- JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, p. 639-671, 1975.
- KATALIN, K. Remarks on semelfactive verbs in English and Hungarian. *Argumentum*, v. 7, p. 121-128, 2011.
- KAYNE, R. *Connectedness and Binary Branching*, Foris, Dordrecht.1984.
- LEMLE, M. Sufixos em verbos: onde estão e o que fazem. *Revista Letras*, v. 58, 2002.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *University of Pennsylvania working papers in linguistics*, v. 4, n. 2, p. 14, 1997.

OLIVEIRA, S. M. Os sufixos verbalizadores-ear e-ejar. In: *Anais do 8º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, 2008.

SOARES AMORA, A. A.; ALVES, A. T. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1999.

SMITH, C.S. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1991.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4.ed. Uberlândia: EDUFU, 2006. DOI <https://doi.org/10.14393/EDUFU-85-7078-107-5>

VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

WACHOWICKZ, T. C. Marcas linguísticas de iteratividade em PB. In: *Anais do 6º Encontro Celsul-Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, 2006.

Aktionsart and distributed morphology: iterative suffixes in Brazilian Portuguese

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 6

Number 2

Received in: 05/10/2021

Approved in: 20/12/2021

Abstract:

It is the adopted in this work the theoretical framework of Distributed Morphology (HALLE & MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; HARLEY & NOYER, 1999; EMBICK, 2000) regarding the late insertion of vocabulary items, the underspecification of phonological expression, and the syntactic access to the lexicon. It is also assumed that there are aspectual restrictions in the process of adjunction of stems to certain suffixes (OLIVEIRA, 2008). This work is intended as a general contribution to the description of iterativity in natural languages. Specifically, it aims at: a) assessing the postulation of an iterative specialization of the suffixes “-icar”, “-itar”, “-ilhar”, “-inhar” and “-iscar” in Brazilian Portuguese, and b) analyzing the contexts in which these suffixes occur. The data at hand were retrieved from dictionaries and were informally subjected to native speaker’s judgements of grammaticality. It is argued that these suffixes are indeed specified for an iterative feature. It is also argued that there are *aktionsart* restrictions when it concerns to the selection of the stems. Telic stems, such as the ones found in achievement and accomplishment verbs, are prototypically adjoined to the suffixes under scrutiny.

Keyword:

Aktionsart; Distributed Morphology; Iterativity; Suffixes; Brazilian Portuguese.